

Longe de nós a ideia demasiado ambiciosa, senão risível, de resumir em algumas frases uma matéria tão abundante quanto móvel, matéria que é talvez sobretudo uma outra maneira de aprender a matéria cultural, agora devidamente desprovida dos seus atributos – ou qualidades – culturais. É preciso lembrar que Pedro Eiras é um comparatista ao mesmo tempo experimentado e inovador, e que ele está tão à vontade nas artes quanto na metafísica e na ética, sendo a sua atitude fundamental “recusar a contemplação” (turística e alienada) dos objetos e dos valores para uma fruição imediata. Seria arriscado todavia procurar designar a intenção que desse conta da obra: se, dizia Bergson, “on n’est jamais tenu d’écrire un livre”, (sobretudo se ele puder fazer mal), foi provavelmente pensando que o seu faria bem que Pedro Eiras o tornou público.

Ora, esta questão do bem e do belo ou – por outras palavras – do *sentido* é aquela que o autor escolheu para figurar na contracapa. Concentra-a na ideia de “salvação”, assim reatando com uma longa tradição (“o contemporâneo é aquele que responde pela tradição”, p. 59) teológica mas de que a poesia, precisamente desde Baudelaire, se fez herdeira. O que nos levaria a detetar no pensamento de Pedro Eiras uma inspiração bebida ao mesmo tempo em Heráclito e Santo Agostinho, na medida em que é fundamentalmente do tempo (na sua efemeridade) e da graça (sempre vivida como uma “profanação”) que

se trata no colorido dos aspetos da sua rica experiência cultural. Neste sentido, o cerne do livro encontra-se no ensaio intitulado “E os museus onde tudo isto se passa”, situado no centro do volume (pp. 107-108).

O ensinamento (mostrado e escondido) que retiramos da sua leitura – e das suas leituras – é exatamente o mesmo que nos oferecem os seus amigos “os poetas sem qualidades”: como na fenomenologia, o essencial é contactar ou coincidir com o objeto (cultural ou natural) esquecendo todos os museus que o sacralizam. É o preço da salvação no nosso século descrente mas idólatra.

*Cristina Robalo Cordeiro*

**O GÉNERO INTRANQUILO: ANATOMIA DO ENSAIO E DO FRAGMENTO**

**JOÃO BARRENTO**

Lisboa, Assírio & Alvim, 2010

156 páginas, ISBN 9789723714951

**O MUNDO ESTÁ CHEIO DE DEUSES: CRISE E CRÍTICA DO CONTEMPORÂNEO**

**JOÃO BARRENTO**

Lisboa, Assírio & Alvim, 2011

190 páginas, ISBN 9789723715774

Justifica-se amplamente uma abordagem conjunta de ambos os volumes em apreço, já que, apesar das suas diferentes tónicas, ambos dão corpo não apenas a um conjunto de preocupações, mas também a uma estratégia de escrita, e de intervenção pela escrita, a que sub-

jaz uma manifesta unidade. O princípio definidor desta identidade, comum a toda a vasta obra do autor, situa-se, antes de mais, num gesto ensaístico de largo fôlego, animado por uma energia do pensar que se filia no melhor da tradição do género: ausência de programa ou de sistema, exceto os que são requeridos pelo desejo de penetrar livremente e sem pressupostos no objeto que escolheu; densidade reflexiva, por vezes elíptica ou alusiva, na consciência de que a transparência do discurso é uma miragem ideológica, propagada pelas mesmas máquinas comunicacionais contra as quais o discurso do autor permanentemente se revolta; ambição prismática, patente na recusa da univocidade da perspectiva e na procura de ângulos múltiplos de análise, abrindo-se à possibilidade de regressar sempre de novo a uma outra iluminação do seu objeto; preocupação abrangente, indiferente à acusação de ecletismo, norteada por um conceito do contemporâneo como constelação marcada por uma semântica densa da história e, portanto, longe das ilusões presentistas das noções dominantes de atualidade.

Todas estas dimensões, bem palpáveis em ambos os volumes, são mais explicitamente tematizadas em *O género intranquilo*, em que, como o subtítulo indica, se procede a uma delimitação dos traços definidores do género ensaístico, incorporando na análise uma reflexão sobre o fragmento como forma que, não se confundindo, se interseta de múltiplas maneiras com aquele género.

Reconhecem-se com facilidade, até porque são recorrente e explicitamente convocadas, as figuras tutelares deste empreendimento, à cabeça, Walter Benjamin e Robert Musil, autor do grande romance ensaístico e, ao mesmo tempo, do mais monumental fragmento literário do século XX, *O homem sem qualidades* (de ambos os autores é Barrento, como se sabe, tradutor emérito). A segunda parte da obra é, aliás, dedicada a explicar um conjunto de “afinidades electivas” que fala por si (Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho – a cuja memória, significativamente, é dedicado o volume –, Walter Benjamin, Giorgio Agamben e Pascal Quignard). Apesar de todas as distâncias ou mesmo clivagens, é, de facto, da busca de traços de um retrato de família que aqui se trata. Na verdade, a inevitável, e produtiva, solidão do ensaísta não representa um fechamento, mas sim uma abertura: inerentemente, e programaticamente, marcada pela subjetividade da escrita, tal não redundna na procura de uma irreduzível singularidade, antes traduz a consciência da densa rede de referências em que inscreve o seu próprio caminho.

Toda a primeira parte do volume, “Do ensaio e do fragmento” realiza, em quatro capítulos – o último dos quais dedicado a “O ensaio em Portugal” – um percurso ou, talvez melhor, uma deambulação pela forma do ensaio, despreocupada de uma impossível definição tipológica, mas muito atenta à captação dos múltiplos traços que permitem circunscrever uma “forma

andrógina” (p. 25), marcada por uma “ambiguidade consciente” (p. 26) e por uma inteligência “não tanto discursiva como intuitiva e sensível” (p. 35). Não surpreende a recorrência por vezes quase circular de alguns tópicos, temas ou reflexões – esta mesma circularidade é própria do movimento dinâmico de uma forma que, paradoxalmente, parte da ausência de centro e da impossibilidade de aprisionar o seu objeto como raiz da energia do pensamento que a anima. Assim, a reflexão de Barrento enfileira, por direito próprio, na galeria distinta da reflexão teórica e metateórica que sobre o ensaio foi sendo produzida ao longo do século XX, incluindo, em lugar cimeiro, os autores convocados pelo autor para o seu retrato de família.

*O mundo está cheio de deuses* reúne (com uma única, mas importante exceção) textos já anteriormente publicados. Mas também neste caso a aparente heterogeneidade de capítulos escritos em diferentes momentos e para diferentes contextos, em formatos diversos (que incluem algumas das crônicas com que o autor contribuiu durante anos para o jornal *Público* e textos primeiro divulgados no blog “Escrito a lápis”), é apenas ilusória, moldada como está pela coerência de um conjunto de preocupações fortes que lhe conferem uma indelével unidade. O título aponta de modo determinante e, quero crer, conscientemente provocatório para um projeto de reencantamento do mundo, claramente sustentado numa reivindicação das dimensões do saber

e do conhecimento que inevitavelmente escapam ao universo fechado das tecnociências e ao reducionismo técnico-científico da modernidade. Num sentido amplo, do que se trata é de uma defesa do papel insubstituível das Humanidades no processo de produção de contemporaneidade, isto é, de construção daqueles saberes e afirmação daqueles valores voltados para a relevância de um presente que não se satisfaça com a espuma dos dias.

Neste contexto, a questão do intelectual assume inevitável proeminência. Não surpreende, assim, que o texto mais longo incluído, “Os mitos do fim ou o imperceptível deslocamento do *dizer* para o *mostrar*”, anteriormente inédito, assumia a função de eixo estruturante do volume. É sabido que, tal como relativamente a tantas “mortes” análogas, o anúncio da morte do intelectual era bastante exagerado e eram nitidamente prematuros os vários obituários (como, no contexto a tal particularmente propício da polémica sobre o pós-moderno, *Le tombeau de l'intellectuel*, de Jean-François Lyotard). É verdade que, como é hoje praticamente consensual e é sublinhado por Barrento, o descrédito de figuras como o intelectual universal de tipo sartriano ou o intelectual orgânico gramsciano se apresenta hoje irreversível. Se é assim, a dificuldade está, naturalmente, em pensar, não a morte, mas sim as metamorfoses do “intelectual”. É a este desafio que o capítulo em referência busca responder, trazendo à reflexão

um conjunto amplo de nomes e avançando a hipótese principal, expressa no título e bem presente na discussão contemporânea, da deslocação da “função intelectual” da esfera do discursivo para a do performativo. Alguns aspetos de um diagnóstico na generalidade certo mereceriam ampla discussão, para que aqui não há lugar. A análise bem informada e arguta de Barrento, ao enfrentar, e não é este o menor dos seus méritos, um problema que muita da discussão corrente tende a invisibilizar, não escapa – como poderia ser de outro modo? – às muitas dificuldades do seu objeto. Isto é particularmente palpável nalgum carácter inconclusivo e, sobretudo, nalguma oscilação da argumentação entre uma polémica de fundo contra o universo informacional e a crise de valores contemporânea remanescente dos *topoi* da crítica da cultura das primeiras décadas do século XX na sugestão de uma recusa em bloco e, por outro lado, a procura convicta de núcleos de racionalidade e de práticas de resistência (que são também fatores de esperança no sentido blochiano expressamente invocado pelo autor). Um fator de incomodidade, pelo menos para este leitor, está no carácter, talvez não eurocêntrico, mas, sem dúvida, eurocentrado de uma argumentação aparentemente indiferente ao contributo da reflexão pós-colonial (o que talvez explique a ausência de um nome como o de Boaventura de Sousa Santos – ou dever-se-á esta ausência a uma certa desconfiança em relação à socio-

logia que vai aflorando aqui e ali nos textos de Barrento?).

Na definição do autor, as figuras do intelectual e do ensaísta estão muito próximas, o que faz com que, em aspetos importantes, *O mundo está cheio de deuses* esteja na nítida continuidade de *O género intranquilo*, manifestando a unidade de preocupações que atrás fui sublinhando. Pese embora o desencanto que vai aflorando na sua “crítica do contemporâneo”, a escrita de Barrento constitui uma refutação do pressuposto, repetidamente formulado por Eduardo Lourenço em várias modulações, de que “nenhum ensaísmo é feliz”. O ensaísmo do autor de *O género intranquilo*, como ele próprio sublinha, não se desenvolve, de facto, no modo trágico; antes, diria eu, se articula muito mais no modo utópico. No fim de contas, a esperança como princípio acaba por emergir como motivo principal de toda a rica reflexão sobre o ensaio presente, de várias maneiras, em ambos os volumes – o ensaio como utopia de um modo de escrever, de pensar, e de estar no mundo.

*António Sousa Ribeiro*

**THE ROUTLEDGE CONCISE HISTORY OF  
WORLD LITERATURE**

**THEO D’HAEN**

**London, Routledge, 2012**

**201 páginas, ISBN 9780415495882**

Theo D’Haen’s *The Routledge Concise History of World Literature* boldly